BOLETIM DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

VOL. I LISBOA N.º 1

1939

BOLETIM DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: MUSEU DAS JANELAS VERDES

RUA DAS JANELAS VERDES — LISBOA — PORTUGAL

ASSINATURAS (Série de quatro números)

Continente e províncias ultramarinas . .	*Esc.*	*40$00*
Estrangeiro	*"*	*60$00*
Número avulso	*"*	*10$00*

Museus Nacionais de Arte Antiga

MUSEU DAS JANELAS VERDES

RUA DAS JANELAS VERDES — TELEFONE P. A. B. X. 64151

MUSEU DOS COCHES

PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE — TELEFONE 81 205

Os Museus Nacionais de Arte Antiga estão abertos todos os domingos e dias úteis, excepto às 2.as feiras, das 11 às 16,30 horas durante os meses de Novembro a Fevereiro e das 11 às 17 horas durante os meses de Março a Outubro.

A entrada é gratuita aos domingos e 5.as feiras. Nos outros dias o preço da entrada é de escudos 2$50.

BOLETIM DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

Dr. JOSÉ DE FIGUEIREDO

1.º Director do Museu Nacional de Arte Antiga (1911-1935)
1.º Director dos Museus Nacionais de Arte Antiga (1936-1937)
Historiador e Crítico da Pintura Portuguesa

BOLETIM DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

VOL. I LISBOA N.º 1
1939

FASCÍCULO 1 JANEIRO DE 1939 VOLUME 1

BOLETIM DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

A P R E S E N T A Ç Ã O

O «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», de que se publica o primeiro fascículo, destina-se a ser o arquivo no qual se vão inserindo tôdas as notícias referentes à vida dêstes estabelecimentos. Publicação de carácter tão sòmente utilitário, não será revestida das pompas com que, uma ou outra vez, se enobrecem trabalhos desta natureza.

Não se promete uma tiragem regular. Com colaboração exclusiva do pessoal dos Museus Nacionais de Arte Antiga ou de pessoas que pela Direcção dos Museus sejam chamadas a trabalhar transitòriamente com ela, o «Boletim» sairá quando o material para o encher estiver seleccionado e seriado. No entanto, desde já se pode afirmar, que a soma de trabalhos existentes nos arquivos do Museu é tanta e tão variada, que a saída do «Boletim» está assegurada por largo período de tempo; assim o escasso pessoal tenha sempre horas livres para se dedicar à sua preparação.

Reproduções fotográficas anotadas das obras de arte dos Museus das Janelas Verdes e dos Coches, guardadas não só nas galerias de exposição, como nas reservas, e inéditas na sua maioria; conferências; exposições; relatórios; artigos de investigação histórico-artística; trabalhos do laboratório de investigação científica; trabalhos das oficinas de restauro; a projecção do Museu no país e no estrangeiro; o problema educativo, etc., etc., são outros tantos temas, cuja oportunidade e desenvolvimento dariam que fazer a um amplo corpo redactorial.

A dificuldade e a extensão da iniciativa não são porém argumentos que impeçam iniciá-la. A benevolência do público estudioso suprirá as omissões e as fraquezas.

JOÃO COUTO

DIRECTOR DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

Relatório da Direcção dos Museus Nacionais de Arte Antiga, respeitante ao ano de 1938

MUSEU DAS JANELAS VERDES

I) AQUISIÇÕES DE OBRAS DE ARTE DURANTE O ANO

A) PINTURAS

Autor desconhecido. — *Retrato de um cavaleiro de São Luiz*. — Pintura sôbre tela, da escola francesa do século XVIII. Comprada em Paris, a um particular.

Lantara (Simon Mathurin). — *Portos de mar*. — Duas pinturas a «gouache». Compradas no bricabraque.

Estilo de Nuno Gonçalves — *S. Pedro*. — Pintura sôbre madeira, da escola portuguesa do século XV. Comprada em Londres a um particular, no mês de Junho.

Escola de Viseu. — *Judeu*. [Personagem da cêna do Calvário (?)]. — Pintura da escola portuguesa do século XVI. Comprada a um particular.

B) MINIATURAS

Santa Bárbara (1850) — *Retrato do coronel Seromenho*.

Primavera (José Joaquim Rodrigues). — *Retrato de um magistrado*. Compradas a um particular.

Primavera (José Joaquim Rodrigues). — *Retrato de Duarte Ferreira Pinto Basto*. Comprada no Pôrto, a um particular.

Autor desconhecido. — *Retratos de homem*. — Duas miniaturas num medalhão. — Trabalho português da primeira metade do século XIX. Compradas a um particular.

C) DESENHOS

Cavaleiro de Faria. — *Cêna bucólica*. — Desenho à pena. Comprado a um particular.

Autor desconhecido. — *Paìsagem*. — Comprado no bricabraque.

D) OURIVESARIA, JÓIAS E ESMALTES

Anel de ouro de forma oval, com pérolas e um relógio. Comprado a um particular.

Landin — «Faubourg de Manigne à Limoges». — *Um santo*. — Esmalte. Comprado a um particular.

E) CERÂMICA

Par de floreiras da fábrica da Vista Alegre, com marca a ouro. Compradas a um particular.

Uma tigela de porcelana da China, da Companhia das Índias, do século XVIII. Comprada a um particular.

Um pote da China decorado a azul, da época de Kia-Tsing, do século XVI. Comprado no bricabraque.

Um gomil de faiança da fábrica de Santo António do Vale da Piedade, marcado, do século XVIII. Comprado no bricabraque.

Um «narguillé» de porcelana da China, do século XVII. Comprado a um particular.

Uma tigela de porcelana da China, decorada a azul, da época de Tcheng-Hoa (?), do século XV. Comprada a um particular.

Uma chávena e pires da fábrica da Vista Alegre, peça especial para oferta, ricamente decorada, com a legenda indicativa de ser da primeira fornada em grande daquela fábrica. Comprada a um particular.

Par de jarras de porcelana da China, decoradas a ouro sôbre fundo negro, da época de Kang-Hi, dos séculos XVII-XVIII. Compradas em leilão.

Par de boiões de porcelana da China, da época de Kien-Lung, do século XVIII. Comprados em leilão.

Par de figurinhas chinesas, de porcelana da China, do século XVIII. Compradas em leilão.

Par de jarras da fábrica de Vista Alegre, marcadas a ouro. Compradas em leilão.

Um pote de faiança portuguesa decorado com papagaios, a azul, do século XVII. Comprado no bricabraque.

Uma piscina grande de faiança da fábrica do Rato, do século XVIII. Comprada a um particular.

Uma pia de água benta e uma travessa de faiança da fábrica de Miragaia, do século XIX. Compradas no bricabraque.

F) MOBILIÁRIO

Uma mesa e um contador de estilo indo português, do século XVII. Comprados no Pôrto, a um particular.

Uma escrevaninha de estilo indo-português. Comprada no bricabraque.

Uma arca de estilo indo-português. Comprada no bricabraque.

Dois bancos de pau santo, estilo D. João V. Comprados no leilão da Quinta do Grilo, em Carnaxide.

Um oratório, de ébano e marfim, trabalho indiano, do meado do século XVIII. Comprado no bricabraque.

Um bufete de seis pernas, de pau santo, trabalho português do século XVIII. Comprado a um particular.

Uma cómoda de pau santo, com decoração entalhada, trabalho português do século XVIII. Comprada no bricabraque.

Um contador de estilo indo-português do século XVII. Comprado no bricabraque.

G) TECIDOS

Um tapete bordado de Arraiolos, da 1.ª época. Comprado em Évora, a um particular.

H) DIVERSOS

Três molduras de talha dourada. Compradas a um particular.

Uma caixa de rapé de tartaruga com

incrustações de metal, decorada com um camafeu representando o retrato de D. Maria I, trabalho português do século XVIII. Comprada no bricabraque.

Além destas obras, o Estado adquiriu, em Londres, duas pinturas de Quentin Metsys representando a *Apresentação do Menino no Templo*, e a *Lamentação depois do entêrro de Cristo*, que foram incorporadas nas colecções do Museu.

II) OFERTAS DE OBRAS DE ARTE

A) GRAVURAS

O embarque de D. Maria I e do Príncipe Regente, no cais de Belem. — Gravura oferecida pelo Sr. João Filipe da Silva Nascimento.

B) CERÂMICA

Uma chávena e pires de faiança inglesa, decorados com soldados e a legenda «Marquês de Ponte de Lima». Oferecidas pelo Sr. João Filipe da Silva Nascimento.

C) MOBILIÁRIO

Um berço, de madeira com embutidos, trabalho português do começo do século XIX. Oferecido pela Sr.ª D. Ester Lopes de Mendonça Rodrigues.

III) LEGADOS

Do Sr. Dr. José de Figueiredo, por seu testamento:

«Retrato de senhora», miniatura, pintada por John Smart;

Duas estatuetas de porcelana de Capo di Monte;

Duas floreiras de porcelana da China, sobredecoradas em Sèvres (?);

Dois boiões de faiança portuguesa, do século XVIII;

Dois canudos de faiança portuguesa, do século XVIII;

«Virgem com o menino». Trabalho em madeira, do fim do século XV;

Pequeno armário, trabalho do séc. XV;

2.280 espécies bibliográficas. [1]

Da Sr.ª D. Tília Dulce Machado Nogueira, por seu testamento:

455 peças de cerâmica, com algumas espécies raras;

44 peças de vidro;

2 relógios de sala;

8 gravuras;

1 desenho de Soares dos Reis;

23 peças de mobiliário, merecendo, entre elas, referência especial, um armário holandês;

2 salvas de prata do século XVII.

IV) INCORPORAÇÕES

A Repartição do Património entregou, a título de depósito, a êste Museu, em 4 de Agosto, os seguintes objectos:

Um *cális*, de prata dourada, que pertenceu ao Convento de Cristo de Tomar. A patena tem uma das faces lavrada em baixo-relêvo. Pesa 2,702 gramas.

Um *cális* grande, de prata dourada, que pertenceu ao extinto Convento de Ceiça, distrito de Coimbra. A patena é decorada ao centro com uma cruz e uma inscrição latina. Pesa 2,147 gramas.

Um *cális*, de prata dourada, que pertenceu a um dos Conventos do distrito

---

[1] No capítulo referente à Biblioteca dar-se-á maior notícia àcêrca dêste legado.

de Coimbra (faltam-lhe três campainhas das seis que deveria ter tido). A patena é decorada com a imagem de um santo numa face e na outra uma cruz. Pesa 2,739 gramas.

Um *cális*, de prata dourada, que pertenceu a um dos Conventos do distrito de Coimbra, sendo o copo de chapa lisa e recortada, decorado com seis campainhas. A patena é lisa. Pesa 2,267 gramas.

Um *cofre*, de prata dourada, de configuração rectangular, tendo na parte superior da tampa uma figura representando o Senhor Ressuscitado. Pertencia ao Convento de Cristo de Tomar. Pesa 11,055 gramas.

Uma *cabeça*, de prata dourada, relicário de vários santos, decorada na testa com uma pedra «cabouchon» e as legendas: «Ejũ Caput sci panteleyõis» e «Esta cabeça leixou Gõçalo da Cunha meo conigo». Pesa 1,175 gramas.

A Direcção Geral dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais entregou ao Museu:

Um *anel*, de ouro lavrado, com uma grande ametista e 26 pequenos diamantes. Foi encontrado nas excavações do pavimento dos Jerónimos e supõe-se haver pertencido ao Cardeal D. Francisco Saldanha, ali sepultado em 1776.

V) PORMENORES REFERENTES AO MUSEU

A) PESSOAL DO MUSEU

No ano de 1938, devido à sentida morte do antigo Director, Dr. José de Figueiredo, houve no pessoal superior do Museu o movimento que passamos a referir:

Por portaria da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, de 22 de Fevereiro de 1938, publicada no «Diário do Govêrno» n.º 48, 2.ª série, de 28 de Fevereiro, foi nomeado Director do Museu das Janelas Verdes o antigo Conservador Dr. João Rodrigues da Silva Couto, ficando vago um lugar de Conservador do mesmo Museu. Por portaria da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, de 18 de Abril de 1938, e publicada no «Diário do Govêrno» n.º 113, 2.ª série, de 18 de Maio do mesmo ano, foi nomeado Conservador interino, Augusto Cardoso Pinto e por despacho do Ministro da Educação Nacional, de 25 de Maio de 1938, foi colocado no Museu Nacional dos Coches o Conservador Luiz Keil.

Tendo-se reconhecido a utilidade de alterar o decreto que regulava o estágio para Conservadores-tirocinantes, trabalho de que foi encarregada uma comissão, composta por vogais da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação, ficou necessàriamente parada esta actividade do Museu.

Está, no entanto, ao serviço, sem remuneração, a Conservadora-adjunta, Maria José de Mendonça, autorizada por despacho do Ministro da Educação Nacional, de 20 de Abril de 1938.

Os estagiários que pela lei actual ainda prosseguem no tirocínio ou preparam a sua tese final, são:

Dr. Mário Tavares Chicó, em missão de estudo no estrangeiro, subsidiado pela Junta Nacional de Educação.

Dr. José da Silva Figueiredo, que tem seguido, por sua conta, cursos de aplicação no estrangeiro.

D. Teresa de Jesús Bandarra, licenciada em letras.

Dr. Manuel Estevens, licenciado em letras.

B) TRABALHOS DO PESSOAL SUPERIOR

Entre os muitos trabalhos que, continuadamente ocupam o pessoal superior de um Museu tão importante como o das Janelas Verdes e, sobretudo, quando o seu quadro não corresponde ainda às necessidades dos variados serviços, alguns merecem referência especial.

Por incumbência do Director do Museu, o Conservador interino Augusto Cardoso Pinto, elaborou um relatório do qual constam a relação e descrição de todos os inventários e anexos existentes no arquivo do Museu, trabalho realizado com o fim de se proceder a *uma remodelação do serviço* de inventários das espécies expostas e arrecadadas. Nas reüniões que o Director periòdicamente realiza com os conservadores, discutiu-se a necessidade, aliás já verificada pelo antigo Director Dr. José de Figueiredo, de organizar em bases sólidas os inventários do Museu — geral, por secções e anexos — trabalho imprescindível em estabelecimentos desta natureza. Pareceu, entretanto, necessário anteceder a realização do plano de um estudo pormenorisado dos inventários feitos a partir de 1910 e anteriormente, chegando-se à relação que, por cópia, foi oportunamente mandada à Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.

A Conservadora-adjunta do Museu, licenciada Maria José de Mendonça, procedeu a uma revisão do inventário das tapeçarias e tapetes da colecção do Museu, tendo chegado a conclusões que a seu tempo serão publicadas.

Continuaram-se os inventários das pinturas, particularmente na parte que diz respeito a ampliação dos verbetes referentes aos restauros.

Entre os trabalhos publicados pelo pessoal superior que digam respeito ao Museu das Janelas Verdes, citaremos:

«A data da legenda da custódia de Alcobaça» — Boletim III da Academia Nacional de Belas Artes — 1938 — por João Couto.

«A «Salomé», de L. Cranach, «o Velho» — Boletim IV da Academia Nacional de Belas Artes — 1938 — por João Couto e Manuel Valadares.

«Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português — Três peças de prata que pertenceram ao convento do Carmo da Vidigueira» — 1938 — por João Couto.

Além destas obras publicou-se o Guia de Portugal Artístico («Pintura no Museu das Janelas Verdes») da direcção do Sr. M. Costa Ramalho, obra profusamente ilustrada, com prefácio e notas de João Couto. Foi posto à venda em Março de 1938.

C) OBRAS NO MUSEU E ANEXOS

No decorrer do ano continuaram activamente as obras do anexo do lado poente, do Museu, havendo tôdas as garantias de que estejam concluídas no praso que aos empreiteiros foi marcado — 30 de Setembro de 1939.

No dia 24 de Dezembro, o Director do Museu, a convite dos empreiteiros e com a assistência dos arquitectos, engenheiros das obras públicas e convidados, procedeu à cerimónia de «entornar o último balde de cimento» para conclusão do pau de fileira no referido edifício.

Prosseguem com a mesma actividade as obras de construção do Anexo (lado nascente) destinado ao Instituto de Investigação e Restauro. Estas obras devem estar concluídas no praso dum ano.

Para instalar a Exposição de barros na Igreja das Albertas e numa das salas da parte nova do ***anexo poente***, procedeu-se à limpeza da referida igreja, obra que foi custeada pela Academia Nacional de Belas Artes, visto ter sido esta douta instituïção que tomou, por proposta do Director do Museu, a iniciativa de ali instalar a exposição dos barristas.

Procedeu-se ainda à remodelação do jardim que fica no lado sul do actual edifício do Museu.

D) MUDANÇAS DE OBRAS DE ARTE NAS GALERIAS DE EXPOSIÇÃO

Em Fevereiro expuzeram-se na Sala dos Mestres Neerlandeses três pinturas de Quentin Metsys: ***A Virgem das Dóres***, ***Cristo a caminho do Calvário*** e ***O Menino entre os Doutores***. As duas primeiras foram apresentadas ao público pela primeira vez.

Em 20 de Março abriu-se ao público ***uma pequena sala***, junto da Sala Francesa, com pinturas de mestres flamengos e holandeses, tais como Breughel, Teniers, Elzevir, Siberechts, etc.

Em 10 de Junho reabriu a Sala das Porcelanas e inaugurou-se uma sala com figuras de antigos presépios, pertencentes ao fundo do Museu.

Em 21 de Setembro foram expostos nas Salas de Ourivesaria os cálices e o cofre depositados pela Repartição do Património.

Na Sala dos Mestres Neerlandeses foi exposto, em 3 de Dezembro, parte do retábulo encomendado pela rainha D. Leonor e pintado por Quentin Metsys para a Igreja da Madre de Deus. Figuram na composição não só os quatro painéis que pertenciam ao Museu de Lisboa, mas os dois que foram adquiridos pelo Estado Português. (1)

Expuzeram-se ainda algumas pinturas que estavam guardadas e entre elas o «Retrato de homem» atribuído a Van Dyck.

E) EXPOSIÇÕES

9 de Junho — Com a assistência do Sr. Ministro da Educação Nacional e o «Grupo dos Amigos do Museu», abriu a 1.ª exposição temporária: ***Obras de arte oferecidas pelos «Amigos do Museu»***.

19 de Julho — Inaugurou-se a 2.ª exposição temporária: ***Mobiliário indo-português;*** publicou-se um guia-sumário.

3 de Dezembro — Expuzeram-se algumas tábuas do Retábulo que Quentin Metsys pintou para a Igreja da Madre de Deus. O Sr. Dr. Reinaldo dos Santos fez uma palestra sôbre o Retábulo ao «Grupo dos Amigos do Museu».

24 de Dezembro — Abriu a Exposição de Barristas Portugueses dos séculos XVII-XVIII com a assistência de Suas Excelências o Presidente da República e Ministro da Educação Nacional, Sua Eminência o Cardeal Patriarca, «Amigos do Museu» e numerosos convidados.

(1) Faltam ainda no retábulo duas pinturas: a que figura no Museu de Worcester (E. U. A.) representando «A fuga para o Egipto» e outra que desapareceu.

F) PALESTRAS E VISITAS EXPLICADAS

15 de Fevereiro — Homenagem ao Sr. Dr. José de Figueiredo em que discursaram os Srs. Drs. Reinaldo dos Santos e Alfredo da Cunha.

5 de Dezembro — Palestra pelo Dr. Reinaldo dos Santos sôbre os quadros de Quentin Metsys, que foi publicada pelo «Grupo dos Amigos do Museu».

Palestras pelos Srs. Conservadores do Museu aos grupos de alunos que o visitaram.

G) PUBLICAÇÕES OFICIAIS DO MUSEU

Durante o ano de 1938 foram postas à venda as seguintes publicações:

«Catálogo-Guia do Museu das Janelas Verdes» — 1 vol. de 152 páginas com as plantas do Museu e os decalques das assinaturas dos pintores. Setembro de 1938.

«Guia da exposição dos móveis indo-portugueses». Lisboa, Julho de 1938.

Editou-se ainda uma colecção de 12 postais, em fotografia, sôbre clichés de João Carlos Coutinho, com reproduções de pinturas expostas nas salas do Museu.

H) PUBLICAÇÕES Á VENDA NO EDIFÍCIO DO MUSEU

DO MUSEU

Catálogo da Exposição de Arte Francesa, especialmente de ourivesaria do século XVIII.

Catálogo da Exposição de Arte Francesa — Ourivesaria. (Organizada pela Direcção dos Museus Nacionais Franceses na Sociedade Nacional de Belas Artes).

Algumas Obras de Arte do Museu das Janelas Verdes — Exemplares encadernados e brochados. (Estampas).

Catálogo-Guia do Museu das Janelas Verdes. (Texto).

DO GRUPO «AMIGOS DO MUSEU»

Baixela Germain, pelo Marquês da Foz.

Da Reïntegração dos Primitivos Portugueses, por Afonso Lopes Vieira.

A poesia dos Painéis, por Afonso Lopes Vieira.

Dr. José de Figueiredo — Discurso pelo Dr. Alfredo da Cunha.

Alonso Sanchez Coello (Ilustraciones a su biografia), por Francisco de San-Román.

Catálogo da Exposição Cultural — Pavilhão de Portugal em Sevilha — 1929.

Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga — Relação dos sócios, contas e ofertas. 1936.

Discursos proferidos na homenagem a D. Aureliano de Beruete y Moret.

Vendem-se ainda as publicações da Academia Nacional de Belas Artes.

I) MOVIMENTO DA BIBLIOTECA

O legado que o Dr. José de Figueiredo deixou ao Museu das Janelas Verdes dos seus livros de arte, 2.280 espécies bibliográficas, veio aumentar e enriquecer consideràvelmente a sua Biblioteca.

A História da Arte, da Pintura, Desenho, Iluminura e Miniatura, da Escultura e Arquitectura, da Gravura e Torêutica, da Cerâmica, Tecidos e Mobiliário, assim como a Estética e Crítica de Arte, estão largamente representados nesses milhares de volumes, entre os quais se encontram algumas preciosidades bibliográficas como «La Tapisserie Gothique», de Demotte, etc.

Não menos importante é também a grande colecção de catálogos de Museus, de Exposições, de Colecções, de Vendas e de Revistas de Arte pertencente ao mesmo legado.

Além do legado do Dr. José de Figueiredo, deram entrada nesta Biblioteca cento e vinte e cinco espécies bibliográficas, das quais cincoenta foram oferecidas e as restantes compradas. Entre as primeiras contam-se as seguintes obras:

H. Avray Tipping — English Homes. Period IV (Vol. 1) London, 1934.

Professor Dr. Max Geisberg — Die Deutsche Buchillustration in der Ersten Hälfte des XVI Jahrhunderts — Munique, s/d.

Wilhelm Pinder — Georg Kolbe. Berlim, 1937.

H. J. Helmigk. Oberschlesische Landbaukunst um 1800 — Berlim, 1937.

W. Drost — Danziger Malerei. Berlim, 1938.

Herman Schmitz — Baumeisterzeichungen des 17 und 18. Jahrhunderts — in der Staaltichen Kunstblibliotheck zu Berlin — Berlim, 1937. Tôdas estas obras foram oferecidas pelo Instituto para a Alta Cultura, por intermédio do Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco Leite Pinto.

Etiènne Houvet — Monographie de la Cathédral de Chartres. s/l. e s/d. — Oferta da Ex.^{ma} Senhora D. Idalina Gago da Silva.

José Ferreira Tomé — Duas fases da vida de Gil Vicente. Lisboa, 1938. Oferta do Autor.

Pedro Victorino — Lâminas sepulcrais de bronze. Guimarãis, 1935.

Idem — Pillement no Museu do Pôrto. Guimarãis, 1936.

Idem — Pratos metálicos de Nuremberg. Guimarãis, 1936. Ofertas do Autor.

Ernesto Soares — Sequeira e Trôno. Miniaturistas. Pôrto, 1935.

Idem — O Gravador Suiço Benjamin Comte. Lisboa, 1935.

Idem — Joaquim Pedro de Sousa. Lisboa, 1937. Ofertas do Autor.

Carlos da Silva Lopes — Miguel de Arruda e a fortaleza de S. Sebastião de Moçambique. Lisboa, 1938. Oferta do Autor.

Entre as espécies bibliográficas adquiridas avultam as seguintes obras:

Heinrich Göbel — Wandteppiche. 1925-1933. 6 vol.

Percy Macquoid — A History of English Furniture. 1925-1928. 4 vol.

Enciclopédia Italiana — vol. XXX-XXXII.

Revistas de Arte, de Tecnologia e de Museografia assinadas durante o ano de 1938:

Pantheon — Zeitschrift des Deutschen Vereins für Kunstwissenschaft — Moderne Bauforme — Tho Burlington Magazine — The Studio — The Connoisseur — Gazette des Beaux-Arts — L'Amour de L'Art — Tecnical Studies — Mouseion — Arte e Restauro — Office des Instituts d'Archéologie et d'Histoire de l'Art — Bulletin des Musées Royaux d'Art et d'Histoire — Revue Belge d'Archéologie et d'Histoire de l'Art — Prisma — Ocidente — Brotéria — Revista de Guimarãis.

J) VISITANTES (Durante o ano de 1938)

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Visitas colectivas[1]	Total	Ano de 1937 Total
Janeiro	132	1708	(80)	1840	1566
Fevereiro	204	1180	—	1384	1535
Março	240	1584	(51)	1720	1875
Abril	172	1417	(5)	1589	1790
Maio	274	2186	(172)	2480	2742
Junho	170	1566	(192)	1736	1764
Julho	210	1573	(35)	1783	1324
Agosto	270	1621	(85)	1891	1028
Setembro	286	1869	(48)	2155	1492
Outubro	152	2063	(35)	2215	1975
Novembro	180	1761	(258)	1941	1276
Dezembro	312	1740	(271)	2052	1293
	2.502	20.208	(1.232)	22.770	20.260

[1] Esta coluna constitui um desdobramento da anterior.

Para mais em 1938 — **510** visitantes

K) VISITAS DE ASSOCIAÇÕES E ESCOLAS (Desdobramento do mapa anterior)

Mês	Designação	Quantidade
Janeiro	Liceu de D. Filipa de Lencastre	80
Março	Liceu de Pedro Nunes	51
Abril	Liceu de Gil Vicente	5
Maio	Liceu de Gil Vicente	20
»	Marinha Grande (Fábrica)	60
»	Mocidade Portuguesa	52
»	Escola Colonial	12
»	Escola do Magistério Primário — Pôrto	28
Junho	Escola de Rodrigues Sampaio	30
»	Amigos de Lisboa	119
»	Escola Marquês de Pombal	7
»	Instituto Feminino de Odivelas	36
Julho	Escola Industrial Faria Guimarãis — Pôrto	35
Agôsto	Escola de João de Deus	6
»	Mocidade Portuguesa	74
»	Curso de Férias da Faculdade de Letras	5
Setembro	Intelectuais Franceses da «Entente Latine»	48
Outubro	Congresso do Vinho	35
Novembro	Liga Regionalista	58
»	Companhia Vacuum Oil	200
Dezembro	Amigos do Museu	271
	Total	1.232

N. B. — Nestes mapas acrescentou-se o número de visitantes que freqüentaram o Museu durante o mês de Dezembro e que não consta do original do relatório.

VI — RESTAURO

A) PINTURAS DO MUSEU ENVIADAS Á OFICINA DE RESTAURO, DURANTE O ANO DE 1938

MARÇO

Flores e frutos — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 450).

Caça e pesca — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 655).

Flores num vaso — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 695).

Juno e Júpiter (cena da fábula) — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 950).

A Virgem e o Menino — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 1023).

A Anunciação — pintura a óleo sôbre cobre (invt.° 1357).

A Natividade — pintura a óleo sôbre cobre (invt.° 1358).

A Adoração dos Magos — pintura a óleo sôbre cobre (invt.° 1359).

A fuga para o Egipto — pintura a óleo sôbre cobre (invt.° 1360).

Uma paisagem — pintura sôbre tela (invt.° 1438).

Uma paisagem — pintura sôbre tela (invt.° 1459).

Ruínas — pintura a óleo sôbre tela (invt.° 1868).

Dois santos bispos da Ordem Franciscana — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 99).

Estas pinturas sofreram ligeiros retoques e foram envernizadas.

AGOSTO

S. Pedro — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 1828) — Parquetado; em início de limpeza.

SETEMBRO

A Apresentação de Jesus no Templo — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 13) — Limpeza de vernizes; retoques.

Cristo deposto da cruz — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 62) — Limpeza de vernizes; retoques.

Cristo depôsto da cruz — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 194) — Fixado; início de restauro.

Martírio de Santo Hipólito — pintura sôbre madeira (invt.° 851) — Limpeza de vernizes; retoques.

Martírio de Santo André — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 852) — Limpeza de vernizes; retoques.

S João Baptista — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 1031) — Limpeza de vernizes.

OUTUBRO

S. Bruno em oração — pintura a óleo sôbre tela (invt. 118) — Reentelado; retoques.

NOVEMBRO

Os desposórios da Virgem — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 8) — Limpeza de vernizes; retoques.

A Anunciação — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 9) — Limpeza de vernizes; retoques.

A Visitação — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 10) — Limpeza de vernizes; retoques.

O Presépio — pintura a óleo sôbre madeira (invt.° 11) — Limpeza de vernizes; retoques.

A Adoração dos Magos — pintura a

óleo sôbre madeira (invt.º 12) — Limpeza de vernizes; retoques.

A Fuga para o Egipto — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 14) — Limpeza de vernizes; retoques.

NOVEMBRO

Santa Catarina — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 77).

O Inferno — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 432) — Em início de restauro.

Nascimento da Virgem — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 1069).

Retrato do estatuário Joaquim Machado de Castro — pintura a óleo sôbre tela (invt. 612) — Limpeza ligeira.

Dois apóstolos — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 1064) — Em início de restauro.

Dois apóstolos — pintura a óleo sôbre madeira (invt. 1067) — Em início de restauro.

O Juízo final — pintura a óleo sôbre madeira (invt.º 71) — Em início de restauro.

Adoração dos Magos — pintura sôbre madeira (invt.º 26) — Em início de restauro.

B) RESTAURO DE MÓVEIS

Trabalhos realizados na oficina de marcenaria, dêste Museu, durante o ano de 1938

FEVEREIRO — Arranjo de uma mobília de quarto, estilo Império, de mogno polido, composta de nove peças, procedente do leilão Burnay.

MARÇO — Arranjo de duas cómodas pequenas, francesas, de violeta, procedentes do leilão Burnay.

ABRIL — Arranjo de um contador com embutidos.

Arranjo de uma cómoda de violeta.

Arranjo de uma mesa no estilo da Renascença com o tampo de pedra. Todos estes móveis foram comprados no leilão Burnay.

MAIO A JUNHO — Arranjo de um contador indo-português com embutidos de marfim, procedente do leilão Burnay.

AGOSTO A DEZEMBRO — Arranjo de seis cadeiras de braços tôdas entalhadas, de pau santo, procedentes da Igreja de S. Vicente.

Arranjo de dois bancos de pau santo, entalhados, procedentes do leilão da Quinta do Grilo, em Carnaxide.

Arranjo de uma preguiceira, grande, estilo Luiz XV, em nogueira, tôda entalhada, com fundo de palhinha.

Arranjo de duas cadeiras de mogno, pintadas a preto, com fundo e costas de couro lavrado.

Arranjo de duas cadeiras de nogueira, entalhadas, com fundo e costas estofadas.

Arranjo de uma cadeira grande, de braços, tôda entalhada, de pau santo, com cochim estofado.

Arranjo de duas cadeiras de pau santo, pequenas, do século XVIII, com costas entalhadas e fundo de palhinha.

Áparte estes trabalhos de restauro, procedeu-se na oficina à construção e arranjo de vitrines, plintos, molduras para quadros, etc., destinados às várias exposições que se realizaram durante o ano.

VII — INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

A) TRABALHOS REALIZADOS — RADIOGRAFIAS

N.os dos quadros	Mês	Assunto	Películas	N.os
1639	Janeiro	«Retrato do Correio-Mor» — Pintura portuguesa (?) do século XVII	2	209/10
—	»	«Cabeça de Cristo» — Pertencente ao Dr. Gomes da Costa	1	211
1122	Fevereiro	«Anjos brincando com cerejas»	2	212/13
1639	»	«Retrato do Correio-Mor»	1	214
607	»	«Retrato de Alexandre de Médicis»	3	215/17
1344	Março	«S. Francisco» — Escola de Nuno Gonçalves	3	218/20
1367	»	«S. Teotónio» — Idem, idem	4	221/24
453	»	«Ecce Homo» — Escola portuguesa do século XV	3	225/27
—	Maio	«Cabeça de Santa» — Pertença de um particular	1	228
1364	»	«Painel do Arcebispo» — Nuno Gonçalves	1	229
1737	Junho	«Retrato de Melancton» — Pintura atribuida a Lucas Cranack	1	230
1521	»	«S. Jerónimo»	2	231/32
1828	Agôsto	«S. Pedro» — Escola de Nuno Gonçalves	3	233/35
1829	Novembro	«Lamentação após o entêrro de Cristo» — Pintura por Quintino Metsys	3	236/38
303	»	«Ceia de Emaús» — Pintura portuguesa do século XV	3	329/41
1831	Dezembro	«Busto de um judeu» — Pintura portuguesa da escola de Viseu (?)	2	242/43
1345	»	«S. Paulo» — Escola de Nuno Gonçalves	2	244/45

B) COMPRA DE MATERIAL

Aparelhagem para completar a instalação da Leica nas suas várias aplicações.

Objectivas para máquinas fotográficas.

Material para radiografias.

MUSEU DOS CÔCHES

I) AQUISIÇÕES DE OBRAS DE ARTE

A) INDUMENTÁRIA CIVIL

Casaca de seda castanha, bordada a matiz, colete de seda branca, bordado, e calção de veludo verde — século XVIII. Comprados a um particular.

Vestido de senhora, Luiz XV. Comprado a um particular.

B) ARREIOS DE TIRO

Arreio de tiro à inglesa. Comprado a um particular.

C) ARMAS

Quatro alabardas — século XVIII. Compradas a um particular.

II) RESTAURO

Carruagem de gala — Oferta do Senhor Conde do Pôrto Côvo da Bandeira. — Aplicação de várias peças prateadas, estofos novos, envernizamento exterior e correame novo. O arreio de tiro pertencente à mesma carruagem foi também restaurado, levando peças novas prateadas, cabeçadas nos arreios, correame, rédeas, etc.

III) PORMENORES REFERENTES AO MUSEU

A) VISITANTES (DURANTE O ANO DE 1938)

Mês	Entradas pagas	Entradas grátis	Visitas colectivas(¹)	Total	Ano de 1937 Total
Janeiro	264	1012	—	1276	1119
Fevereiro	404	882	—	1286	1474
Março	382	1526	(37)	1908	1734
Abril.	518	1186	—	1704	2130
Maio	842	1558	(181)	2400	3620
Junho	938	1108	(166)	2046	2732
Julho	584	2604	(1154)	3188	1943
Agôsto	1086	1849	7	2935	2530
Setembro	1054	1954	44	3008	2292
Outubro	590	2010	(279)	2600	2054
Novembro	400	1359	—	1759	1274
Dezembro	334	1075	(246)	1409	950
	7.396	18.123	(2114)	25.219	23.852

(¹) Esta coluna constitui um desdobramento da anterior.

Para mais em 1938 — **1.667** visitantes

III) PORMENORES REFERENTES AO MUSEU

(CONTINUAÇÃO)

B) VISITAS DE ASSOCIAÇÕES E ESCOLAS (DESDOBRAMENTO DO MAPA ANTERIOR)

Mês	Designação	Quantidades
Março	Liceu de Camões	37
Maio	Liceu de D. Filipa de Lencastre	18
»	Escola de Machado de Castro	30
»	Mocidade Portuguesa	109
»	Escola do Magistério Primário — Pôrto	24
Junho	Colégio de Castro Rodrigues	20
»	Instituto de Odivelas	30
»	Escola Marquês de Pombal	48
»	Escola do Magistério Primário — Pôrto	38
»	Liceu de Hamburgo	14
»	Colégio de D. Filipa de Lencastre	16
Julho	Escola de Faria Guimarãis	32
»	Liga de Instrução e Recreio (C. U. F.) — Barreiro	1050
»	Instituto de Liverpool	14
»	Colégio Nacional de Sintra	22
»	Escola de S. Sebastião da Pedreira	36
Agosto	Colégio João de Deus (Voz do Operário)	7
Setembro	Escoteiros de Portugal	44
Outubro	Congresso do Vinho	76
»	Marinheiros holandeses	125
»	Legionários de Peniche	78
Dezembro	Escola Nuno Álvares Pereira	22
»	Empregados da Vacuum	200
»	Escola de Carcavelos	24
	Total	2.114

Lisboa, 28 de Janeiro de 1939.

O DIRECTOR DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

a) JOÃO COUTO

Fig. 1 — S. PEDRO — Escola Portuguesa do século XV. (Antes do restauro)

Museu das Janelas Verdes

TRÊS PINTURAS DA ESCOLA PORTUGUESA, PERTENCENTES AO MUSEU DAS JANELAS VERDES

S. PEDRO

Pintura sôbre madeira de carvalho, com as seguintes dimensões: altura $1^{m},34$, largura $0^{m},79$. Escola portuguesa. Mestre anónimo da segunda metade do século XV (fig. 1).

A série de tábuas representando S. Paulo, S. Francisco e S. Teotónio (?) atribuídas pelo Dr. José de Figueiredo a um mestre que seguia o «estilo de Nuno Gonçalves», veio enriquecer-se com mais outra, — S. Pedro — comprada por mim em Londres, em Junho de 1938. Esta pintura fôra oferecida, para venda, em 1923, mas circunstâncias várias não permitiram que nessa altura tivesse sido adquirida.

Das quatro figuras representadas nos painéis de que nos ocupamos, esta última é, porventura, a mais notável. A seriedade na construção do modêlo, a riquesa do colorido, a dignidade da atitude e da expressão e a sobriedade no seu tratamento, aproximam esta nobre personagem dos retratos executados pelo autor dos painéis de S. Vicente.

Na série de pinturas que representam S. Pedro, e na qual se destacam as de Vizeu, Coimbra e Tarouca, a do Museu de Lisboa, anterior àquelas, e possìvelmente conhecida dos seus autores, marca o início de uma representação iconográfica em que se mantêm evidentes laços de parentesco.

O quadro do Museu de Lisboa sofreu algumas danificações no decorrer do tempo. As partes essenciais da pintura, tais como a cabeça coberta com a teara, o amplo manto vermelho, a mão calçada de luva, o banco e o pavimento ladrilhado ficaram, felizmente, intactas.

Fig. 2 — S. PEDRO — Pormenor. (Antes do restauro)

O fundo foi por duas vezes repintado e da sua limpesa resultou poder verificar-se que os fundos dos outros três quadros do Museu de Lisboa, pertencentes à mesma série, até aqui aceites por bons, repintados estão também.

Fig. 3 — Cristo em Emaús.
Escola Portuguesa do século xv. (Depois do restauro).
Museu das Janelas Verdes

Sob o tecido verde alcachofrado, comum em pinturas portuguesas dos séculos xv e xvi, surgiu novo fundo verde, no qual o desenho é mais sóbrio e a côr apresenta uma tonalidade mais quente e mais harmoniosa para o conjunto. Êste curioso achado obriga-nos, de-certo, a mandar descobrir os fundos das outras três pinturas, visto que uma sondagem permitiu verificar a existência dos primitivos.

Repintadores pouco escrupulosos alteraram também o comprimento e a forma das chaves. A restauração permitirá mostrá-las no seu primeiro aspecto, visto estar nìtidamente indicada a sua forma anterior. A fotografia do pormenor, tirada à luz razante, esclarece a deturpação (fig. 2).

CRISTO EM EMAÚS

Pintura sôbre madeira de carvalho, com as seguintes dimensões: altura 2m,20, largura 0m,84. Escola portuguesa. Mestre anónimo dos fins do século xv (fig. 3).

No fundo antigo de pinturas do Museu, existia, abandonada, uma tábua enegrecida e com o peor aspecto (N.º 303 do inventário), representando Cristo e dois discípulos em Emaús, tal como os descreve a passagem do Evangelho assim relatada por S. Lucas (cap. XXIV-30) «Mas o caso foi que estando sentado com elles á mesa, tomou o pão, e o abençoou, e tendo-o partido, lho dava».

Uma vista de relance permitiu-me, há pouco, verificar que a pintura havia sido lastimàvelmente repintada no decorrer dos anos a ponto da sua enorme importância ter escapado aos estudiosos. Mas a observação de um ou outro pormenor levou-me a considerar a sua

Fig. 4 — CRISTO EM EMAÚS — Pormenor. (Durante o restauro).

qualidade e a mandar proceder ao seu imediato restauro. Limpa a sujidade que recobria as quatro tábuas componentes do painel, apareceu uma obra notável pela riqueza do colorido, pela nobresa da expressão do Cristo e pela invulgar composição decorativa.

O exame atento do discípulo sentado à esquerda do Mestre, que, logo de início me surpreendeu, deu-me a chave para a sua aproximação de outras pinturas. Guardadas as reservas que devem anteceder o exame do preparo dos suportes, das tintas e da técnica, podemos talvez supor que se trata da oficina em que foi realizado o retábulo, guardado no Museu de Machado de Castro, de Coimbra, e que representa, além de um passo da vida de Santa Clara (seu aparecimento aos soldados de Frederico II, quando, em 1234, devastavam o vale de Spoletto), Cristo deposto da cruz e Cristo no Hôrto. Do exame do primeiro painel e da predela, na qual se veem Cristo e os Apóstolos, e da comparação com certas figuras, como o soldado caído no chão em face da Santa, ainda de certas atitudes, do tratamento das mãos e dos panejamentos, resulta a possibilidade de admitirmos uma origem oficinal comum para tôdas estas obras ([1]).

A reünião dêste e doutros quadros tem importância capital para o estudo da pintura portuguesa do fim de quatrocentos, dada a falta de elementos que permitam preencher a lacuna que medeia entre a actividade da oficina do mestre dos painéis de S. Vicente e as múltiplas correntes picturais que teem início no ano de 1500.

O restauro dêste notável quadro permitiu descobrir a riqueza da paleta no vermelho quente do docel e cortinas

---

([1]) O Senhor Professor Virgílio Correia, a propósito do tríptico, escreve na *História de Portugal* (Barcelos, 1929): «Entre êsses pintores, (contemporâneos de Nuno Gonçalves) teremos talvez de procurar também o autor do magnífico retábulo de Santa Clara, hoje no Museu de Machado de Castro, de Coimbra, se êsse auctor fôr português e não espanhol».

«Certo é que, a-pesar-da intensa influência flamenga na composição do Cristo Morto de um dos volantes, o sentimento pictural é puramente peninsular, mais precisamente leonez, da feição de Gallego, como indica Diego Angulo, professor da Universidade de Sevilha».

«O preparo das tábuas é o corrente ao tempo, uma camada de gesso e cola; o emolduramento do mais puro chamejante, de um gôsto que se prolonga até à época manuelina».

da cama que está colocada para lá da arcaria, do vermelho «granat» do manto da personagem da direita, dos roxos, dos verdes, dos amarelos e dos brancos. Permitiu também verificar, como aliás já antes o indicára o exame radiográfico, as alterações na posição das mãos, dos pãis, dos utensílios que se encontram sôbre a mesa, e ainda estabelecer nìtidamente o contôrno desta (fig. 4).

ADORAÇÃO DOS MAGOS

Pintura sôbre madeira de carvalho, com as seguintes dimensões: altura, 1^{m},73, largura, 0^{m},72. Escola portuguesa. Mestre anónimo do primeiro quartel do século XVI (fig. 5).

Um terceiro quadro (N.º 26 do inventário) merece aqui especial menção. Esta pintura estava, como a antecedente, guardada na arrecadação do Museu. O agrupamento de quadros que há pouco tempo apresentei a propósito da série existente na Matriz do Sardoal, por nós publicada no volume V do *Boletim* da Academia das Belas Artes, e que tem como peça da maior importância a «Assunção da Virgem» do Museu de Machado de Castro, de Coimbra, não deixará de solicitar a atenção dos estudiosos para a oficina ou oficinas provinciais em que tais obras foram realizadas. Na pintura a que me refiro encontro aproximações com o trabalho dêstes Mestres, apreciáveis coloristas, pintores em suportes com ténue preparo, delicados e ingénuos intérpretes dos assuntos religiosos que tinham de apresentar.

Na «Adoração dos Magos» que, por

Fig. 5 — ADORAÇÃO DOS MAGOS
Escola Portuguesa do séc. XVI. (Durante o restauro).
Museu das Janelas Verdes

indicação escrita a giz no reverso das tábuas, parece provir de Montemor-o-

Velho, vila em cuja Misericórdia existe um políptico talvez da mesma oficina, o autor teve dificuldade de agrupar no espaço de que dispunha as 6 personagens que deviam figurar na composição. Assim falta suficiente espaço para o rei que ajoelha no segundo plano e cuja cabeça se vê abaixo das mãos de S. José. Êste êrro de perspectiva e outros que se notam no arranjo ingénuo das arquitecturas e dos fundos de paìsagem são largamente compensados pela formosura e doçura dos rostos dos personagens, pela delicada compostura das atitudes e pela elegância dos gestos. As mãos, de dedos alongados e intencionalmente flectidos, são muito bleas e típicas em tôdas as pinturas do notável agrupamento a que êste quadro pertence. Há neste Mestre uma intenção pronunciada para enriquecer os vestuários, não só no emprêgo de ricos brocados, de faixas em furta-côres, de bordados ricos, etc., mas ainda na ousada ondulação das pregas que realçam o colorido, valorisando a sua rica paleta.

O Menino Jesus que, seguro pelas mãos da Virgem, se debruça sôbre os Magos ajoelhados, tem na mão direita um cruzado de D. Manuel. No topo do tubo que forma o corpo central da peça de ourivesaria levada pelo rei preto, vê-se a letra M.

As três pinturas que acabamos de mencionar, ocupam, quanto a nós, uma posição capital na história da pintura portuguesa e valorisam de forma singular a galeria de primitivos do Museu das Janelas Verdes, sendo dois dêles peças que ficam aqui a exemplificar séries, aliás bem representadas em outros lugares do país. São além disso obras que pertencem a uma época em que a pintura caracterizadamente portuguesa, é mal conhecida, constituindo por isso elementos fundamentais para o preenchimento de lacunas ou definições de estilos.

João Couto

OS LEGADOS DO DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO E DE D. TÍLIA DULCE MACHADO MARTINS

Ao contrário do que acontece no estrangeiro não são, infelizmente, vulgares no nosso país as ofertas ou legados de obras de arte de valor feitos aos museus por particulares. É facto excepcional na vida dos museus portugueses, e por isso mesmo digno do maior louvor, um amador de arte privar-se duma ou mais peças que adquira por gôsto e para regalo das suas predilecções artísticas, para vir entregá-las a um museu, ou determinar que por sua morte os conjuntos artísticos que formou com carinho e por vezes com sacrifício, num museu dêem entrada, evitando assim que, pela dispersão a que estão inevitàvelmente votadas as colecções particulares, o trabalho de

selecção e agrupamento se perca sem dêle resultar qualquer coisa de mais largo alcance que não seja a efémera satisfação do prazer pessoal.

No ano passado, tal facto deu-se e, o que é mais, repetiu-se no Museu das Janelas Verdes que, durante êle, recebeu dois importantes legados: o do seu saüdoso Director, Senhor Dr. José de Figueiredo, e o da Senhora D. Tília Dulce Machado Martins.

O Dr. José de Figueiredo quiz dar uma última prova de dedicação ao estabelecimento à frente do qual tantos anos esteve e que verdadeiramente criou, pois a êle se devem as transformações e melhoramentos de que resultou o seu aspecto actual, o escol das obras de arte antiga que guarneciam a sua residência e ainda a sua explêndida livraria.

Fig. 1 — John Smart (1741?-1812)
RETRATO DE SENHORA
Legado do Dr. José de Figueiredo

O Dr. José de Figueiredo não era pròpriamente um coleccionador e, com o sentido superior da arte de que era dotado, sòmente se tentava a fazer uma aquisição quando se lhe deparava uma peça em que, fôsse qual fôsse o seu género, encontrasse real mérito. Por esta razão, o seu legado, pouco numeroso, vale sobretudo pela qualidade das peças, das quais devemos destacar a preciosa miniatura de John Smart (1741?-1812) — *Retrato de senhora* — (fig. 1) sem dúvida um dos mais belos trabalhos dêste artista inglês. Além desta obra, que por si só constituiria já valiosa dádiva, o Dr. José de Figueiredo deixou ainda ao Museu uma imagem da Virgem, de madeira policromada, trabalho francês do século XV; um armário quinhentista, de carvalho; duas figuras — *Diana e Júpiter* — de porcelana de Capo di Monte e algumas peças de cerâmica nacional e estrangeira. A parte mais importante do legado é, no entanto, a livraria de assuntos artísticos, com certeza a melhor e mais numerosa que existe no país, pois abrange mais de dois milhares de obras, na maioria estrangeiras, sôbre as mais variadas matérias de arte, grande parte das quais em edições de luxo, profusamente ilustradas, sendo muitas as que encerram afectuosas dedicatórias dos autores ao Dr. Figueiredo que bem revelam a alta consideração que lhe era tributada nos meios artísticos de Portugal e do estrangeiro.

Não menos apreciável é o legado da Ex.ma Senhora D. Tília Dulce Machado Martins, falecida em 7 de Dezembro de 1937. Esta ilustre senhora, num gesto de altruismo que muito honra a sua memória, dispoz em testamento que todos os objectos antigos que decoravam o seu palacete da Rua Braamcamp, fôssem entregues ao Museu das Janelas Verdes, disposição a que, por seu falecimento, seu marido, o Senhor Comandante Mariano Martins, se apressou a dar fiel cumprimento por uma forma que o tornou credor do nosso reconhecimento.

Constituem êste legado 534 peças de diversa natureza: — cerâmica, vidros,

gravuras, mobiliário, relógios, pratas, etc. — de que a parte mais importante e numerosa é formada pela cerâmica, principalmente nacional, se bem que da estrangeira contenha algumas espécies de valor como estatuetas e uma terrina de porcelana de Meissen, numerosas peças de porcelana da China, e bons exemplares de faiança holandesa e espanhola. corações, bastando referir, para se avaliar da categoria do conjunto, que entre eles vem a caneca decorada com as imagens de S. Bento e Santa Escolástica e a legenda «Da Primeira Fabrica em Massarellos — Porto» (figs. 2 e 3), peça de alto valor documental para a história da cerâmica portuguesa e que José Queiroz divulgou; merecendo também especial re-

Fig. 2

Fig. 3

CANECA — **Fábrica de Massarelos — Pôrto. 2.ª metade do século XVIII.**

Legado de D. Tília Dulce Machado Martins

Na parte portuguesa, em que há a mencionar algumas peças da Vista Alegre e raras faianças do período arcaico, as fábricas da segunda metade do século XVIII e princípios do século XIX têm larga representação, principalmente as do norte (Pôrto, Gaia e Viana do Castelo) de que abundam os exemplares, em tôdas as variantes de tipos e de de- ferência por ser, sem dúvida, a peça mais fina e cuidada que se conhece da fábrica de Miragaia, uma pequena terrina, para caldo, em forma de melão, com travessa em forma de fôlha, de grande levesa de pasta e banhada naquele esmalte azul de safra, de tom quente e brilhante que é característica de certo fabrico especial de Rocha Soares (fig. 4).

As fábricas de Lisboa também têm boa representação, embora menos numerosa, havendo modelos do Rato de que o Museu não possuia exemplares na sua colecção.

A par do núcleo de faianças referido, havia na colecção outro de diferente valor artístico, mas de tão grande ou maior importância documental e que por isso, na ocasião em que se fez a escolha do legado, foi também apartado para o Museu. Referimo-nos a certo número de peças das fábricas do norte, datando do primeiro quartel do século XIX para cá, época de decadência da indústria cerâmica cuja produção tem sido, por isso, menospresada pelos colecionadores e investigadores, tornando-se hoje difícil conhecê-la e identificá-la. Em muitas destas peças tinha um antigo coleccionador nortenho colocado etiquetas com a indicação da origem de fabrico, o que torna o conjunto verdadeiramente valioso pelo subsídio que traz ao conhecimento do labor das fábricas daquela época.

Deveremos ainda destacar: das gravuras — um bom exemplar da chamada «Sopa de Arroios», de Sequeira e Queirós; duas, coloridas, de Angélica Kaufmann; os retratos dos pintores João e Pedro Breugel, de Van Dyck; de mobiliário — uma arca de couro lavrado, trabalho peninsular do século XVI e outra portuguesa, de tremidos, do século XVIII, um armário holandês, de carvalho, com decoração esculpida, do século XVII, e outro português, do século XVIII, em boas madeiras exóticas — peça típica da marcenaria nacional pela sobriedade e soli-

Fig. 4 — Terrina para caldo — Fábrica de Miragaia. 1.º período (1775-1827).
Legado de D. Tília Dulce Machado Martins

dez da construção — um tremó Luiz XVI, dois contadores e dois bufetes portugueses, um dêles de tipo muito original; da ourivesaria — duas salvas de prata repuxada, do século XVII, uma delas brasonada; e ainda um desenho à pena da autoria do grande estatuário Soares dos Reis.

Ambos os legados entraram já integralmente no Museu das Janelas Verdes.

Ao dar-se notícia dêles nas páginas dêste Boletim, cumpre deixar também exaradas as homenagens de gratidão do Museu à memória dos dois beneméritos a cuja generosidade fica devendo tão importante acréscimo das suas colecções.

AUGUSTO CARDOSO PINTO

A COLECÇÃO DE TAPEÇARIAS DO MUSEU DAS JANELAS VERDES

A colecção de tapeçarias do Museu das Janelas Verdes, a mais numerosa das colecções do Estado, consta de sessenta e nove exemplares (sete armações, quinze panos isolados, cinco sôbre-portas e vinte sete fragmentos) dos séculos XVI ao XIX, provenientes de oficinas flamengas, francesas, holandesas e nacionais.

Exceptuando as *Funções Militares*, os melhores exemplares da colecção são os ráses do século XVI, três panos e cinco fragmentos, um marcado com o monograma atribuído a Marc Cretif, tapeçeiro de Bruxelas, os restantes sem marcas, apresentando características do mesmo centro de fabrico.

Dêstes exemplares o mais antigo, não só da colecção do Museu como também das outras colecções do Estado, é o *Baptismo de Cristo*, (2,60×1,75) (fig. 1), dos princípios do século XVI, pano nìtidamente inspirado nas tábuas flamengas, representando o mesmo assunto, facto que levou à atribuïção do debuxo a Roger van der Weyden, devido às analogias que a composição acusaria com o painel central do tríptico da *Vida de S. João Baptista*, da Gemälde Gallerie, de Berlim ([1]).

Os cinco fragmentos são do primeiro terço da centúria e, quanto ao estilo, pertencem ao tipo de tapeçaria que Madame Crick-Kuntziger atribui a Jean van Roome e à sua escola. ([2]) Dêstes exemplares, quatro alusivos à História de Tróia, *Helena e Príamo* (1,70 × 1,70), *Casamento de Páris e Helena* (0,96 × × 1,72), *Helena e Florimonde* (1,60 × × 2,95), *Uma tribuna com músicos* (1,98 × 1,42), deviam fazer parte de um ou mais panos, possìvelmente da História de Helena, assunto derivado

([1]) Atribuïção feita pelo Dr. José de Figueiredo *(Guia de Portugal*, I vol., pág. 37). Julgamos que as analogias entre a composição do pano e o quadro citado não justificam, talvez, a atribuïção. O pano acusa vários pontos de contacto com a grande tapeçaria do *Credo*, existente no Museu de Belas Artes de Boston, cujo debuxo é atribuído a Justus de Gand.

([2]) Marthe Crick-Kuntziger — Maître Knoest et les Tapisseries «signées» des Musées Royaux du Cinquantenaire — 1927, pág. 19.

Fig. 1 — Baptismo de Cristo.
Tapeçaria de Bruxelas dos princípios do século xvi.
Museu das Janelas Verdes

Os dois panos restantes, mais tardios, dos meados do século xvi, obedecem já aos cânones do renascimento italiano, introduzido na tapeçaria flamenga pelos debuxos de Rafael e seus discípulos. São composições de inspiração mais ou menos italiana, enquadradas em opulentas cercaduras de puro sabor flamengo, com o pormenor italianisante das figuras de bambinos.

O pano *Assueros entrega o anel a Mardoqueu* (3,52 × 3,25) (fig. 2), representa um passo da História de Ester, assunto bastas vezes tratado em tapeçaria desde o século xiv ao xviii. Das peças do século xvi é a única marcada, atribuindo-se o monograma a Marc Cretif, tapeceiro de Bruxelas, cêrca de 1545 (fig. 3).

O *Combate de Hércules com os Centauros* (4,33 × 5,83) (fig. 4), peça admirável pela modelação das figuras gigantescas do primeiro plano, é o mais sumptuoso exemplar do Museu e um dos mais valiosos das colecções do Estado, o mesmo se dando, de resto, com as tapeçarias já mencionadas.

do ciclo de Tróia e tratado em tapeçaria já no século xv. O quinto fragmento provém de outra série e representa uma figura masculina com coroa e cetro, sentada num trono (1,98 × 0,65).

O século XVII é a época mais amplamente representada na colecção, predominando, contudo, exemplares provenientes de centros de fabrico secundário.

Às primeiras décadas da centúria pertence a armação da *História de Marco António e Cleópatra* composta por cinco panos: *Marco António recebe a submissão de um potentado oriental* (3,51 × 3,37), *O Banquete* (3,51 × 4,34), *A Pesca* (3,51 × 4,08), *Marco António e Octávio* (3,51 × 4,76), *Despedida de*

Fig. 2 — HISTÓRIA DE ESTER — ASSUERO ENTREGA O ANEL A MARDOQUEU
Tapeçaria de Bruxelas dos meados do século XVI, com a marca atribuída a Marc Crêtif.
Museu das Janelas Verdes

Marco António e de Cleópatra (3,51 × × 5,19), *Marco António é içado para o túmulo de Cleópatra* (3,51 × 2,80). São peças de certo valor decorativo, de um baroquismo exuberante, cujos debuxos Madame Crick-Kuntziger nos comu-
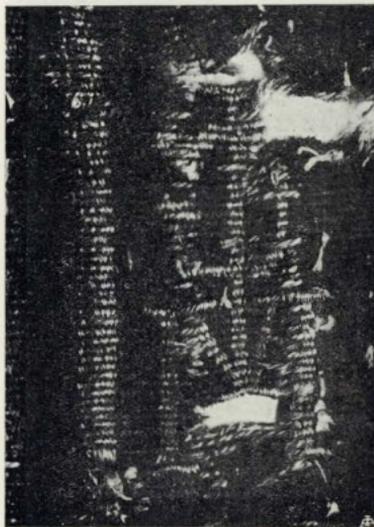
Fig. 3 — Marca atribuída ao tapeceiro Marc Crétif

nicou ([1]) serem de Karel van Mander, o Moço. Segundo Madame Crick-Kuntziger, os panos serão muito provàvelmente de fabrico holandês (Schnooven Gouda ou Delft). As orlas das peças desapareceram e com elas as marcas de fabrico, mas é possível, porém, que sejam provenientes da oficina que o mesmo Karel van Mander teve em Delft, de 1615 a 1623, data da sua morte. Göbel indica como uma das características do fabrico de Mander o predomínio dos brocados na indumentária das figuras, característica que é nítida nesta série ([1]).

A *História de Marco Aurélio*, marcada com o monograma de Michel Wauters, tapeceiro de Antuérpia, falecido em 1679, embora como exemplar de fabrico seja bastante medíocre, apresenta, contudo, a particularidade de ser proveniente de uma oficina que teve dois intermediários em Lisboa ([2]). A série, executada segundo debuxos de Abraham van Diepenbeeck, é inspirada na obra de António de Guevara «Libro llamado Relox de principes en el qual va encorporado el muy famoso libro de Marco Aurélio», constando de seis panos e dois fragmentos: *Coroação de Marco Aurélio* (3,06 × 3,25), *Procissão de Marco Aurélio* (3,06 × 4,00), *Os cães de Marco Aurélio* (3,06 × 1,75), *Marco Aurélio e os médicos* (3,06 × 4,26), *Marco Aurélio repreende Faustina* (3,06 × 3,10), *Combate de Marco Aurélio* (3,06 × × 4,50) e dois fragmentos (3,06 × 1,43 e 3,06 × 1,42).

([1]) Em 1937, o Dr. José de Figueiredo encarregou-nos de informar Mme. Marthe Crick-Kuntziger àcêrca das tapeçarias flamengas existentes no Museu das Janelas Verdes. Como um dos pontos da nossa dissertação final, então em preparação, versasse sôbre o assunto, pedimos vários esclarecimentos à erudita investigadora que, muito amàvelmente, nos ilucidou, sobretudo na organização da bibliografia para o nosso trabalho.

([1]) Heinrich Göbel — Wandteppiche. Primeira parte, vol. I, 1923, pág. 544.

([2]) Marthe Crick-Kuntziger — Contribuition à l'Histoire de la Tapisserie Anversoise: Les Marques et les Tentures des Wautters, in *Revue Belge d'Archéologie et d'Histoire de l'Art*. Janvier-Mars, 1935.

Fig. 4 — COMBATE DE HÉRCULES COM OS CENTAUROS — Tapeçaria de Bruxelas dos meados do século XVI
Museu das Janelas Verdes

O pano *Nascimento de Meleagro* (3,40 × 3,31), representa um dos motivos da armação da História de Meleagro, tecida, segundo quadros de Charles Le Brun e debuxos de Jean Valdor, na Manufactura dos Gobelins, na segunda metade do século XVII. A história de Meleagro foi copiada nas oficinas flamengas, sobretudo nas de Bruxelas. O exemplar do Museu é um bom espécimen de fabrico flamengo e, na opinião de Madame Crick-Kuntziger, muito possìvelmente de origem bruxelesa.

A representação das Quatro Partes do Mundo constituiu um dos temas favoritos dos tapeceiros de Bruxelas, durante a segunda metade do século XVII. [1] Dos debuxos fornecidos por vários pintores eram famosos os de Louis van Schoor, segundo os quais foram tecidas as mais belas tapeçarias bruxelesas da época. [2] A série *As Cinco Partes do Mundo*, da colecção do Museu — *Europa* (2,60 × 4,75), *Ásia* (2,62 × 4,82), *África* (2,64 × 2,62), *América* (2,60 × × 4,59) e *Austrália* (2,66 × 2,16), é uma variante dos debuxos de van Schoor, tendo sido acrescentado o pano que representa a Austrália O assunto dêste pano foi identificado, a nosso pedido, pelo Sr. H. C. Marillier, o qual teve a amabilidade de nos comunicar que nas colecções do Petit Palais, em Paris, existe uma série idêntica à do Museu das Janelas Verdes, executada em Amsterdam por Alexandre Baert, o Velho. Se a data de 1690 que se encontra no pano representando a *América* corresponde à data do fabrico, a armação foi tecida ainda em Audenard, onde Baert teve a sua oficina até emigrar para a Holanda, em 1697. [1] Mesmo que tenham sido executados em Amsterdam, os panos são de facto provenientes de uma oficina de Audenard, hipótese já por nós apresentada [2].

Esta armação é francamente medíocre mas exemplifica, na colecção do Museu, o tipo da tapeçaria flamenga dos fins do século XVII, de composição alegórica ou mitológica, representada por figuras de pequenas dimensões, enquadrada com cercaduras largas, de rica decoração vegetalista. O pano representando a *Abundância*, (2,66 × 1,27), segundo van Schoor, os dois panos das Histórias de Ovídio ou Metamorfoses, *O corvo revela a Apolo a infidelidade de Coronis* (2,23 × 1,44), e *Mercúrio e Aglaure* (2,23 × 0,99) e um pano, de assunto ainda indeterminado, *Païsagem com figuras* (2,23 × 0,99), pertencem à mesma oficina e apresentam as mesmas características de estilo.

Outro tema em voga nos fins do século XVII, princípios do século XVIII, foram as tapeçarias militares, sendo da escola dos Hondt que sairam os mais famosos debuxos dêsse género. O mais rico espécimem da colecção do Museu, além dos panos do século XVI, é a armação das *Funções Militares*, segundo

(1) James Hyde — L'Iconographie des Quatres Parties du Monde dans les Tapisseries, in *Gazette des Beaux Arts*. Novembre, 1924.

(2) Joseph Destrée et Paul van den Ven — Tapisseries des Musées Royaux du Cinquantenaire à Bruxelles. 1910. Pág. 15.

(1) H. Göbel — Op. cit. Primeira parte, vol. I, pág. 534.

(2) Dissertação Final do Estágio para Conservador de Museu. 1938. Pág. 73.

L. de Hondt, representando *La Marche* (3,16 × 4,95), *Pillage* (3,09 × 4,06), assinado por L. de Hondt, *Rencontre* (3,11 × 2,25), e *Fachinade* (3,11 × 2,65). É lamentável que êstes panos se encontrem no péssimo estado de conservação que apresentam porque são um óptimo exemplar do fabrico de Bruxelas. No que respeita à oficina donde saíram, esperamos que a obra sôbre Tapeçarias Militares, em via de preparação pelos Srs. Professor Wace e H. C. Marillier, esclareça o assunto [1].

Do século XVII existem ainda dois panos, um *Pórtico* (3,35 × 2,55), de fabrico flamengo, outro (2,50 × 1,90), de assunto indeterminado, de que resta apenas a urdidura, sôbre a qual se vê o esbôço da composição, e dezassete fragmentos, dos quais quinze são restos de ricas cercaduras, tecidas em Antuérpia. Êstes espécimens não têm interêsse para as galerias de exposição.

O século XVIII encontra-se escassamente representado, havendo apenas dois panos em estilo rococó, a grande *Cena Campestre* (6,81 × 4,70) com que emparceiram três sôbre-portas (1,66 × 2,57; 1,62 × 2,62; 1,62 × 2,62) e uma *Verdura* (3,00 × 2,90), de debuxo chinês, único exemplar, na colecção, do exotismo oriental que tanta voga teve na tapeçaria da época. São todos ráses de Aubusson, com as marcas de fabrico e as assinaturas de Michel Jeaucour e François Picon [1].

Os restantes exemplares estrangeiros, do século XVIII, além de duas sôbre-portas de fabrico muito grosseiro e de cinco fragmentos, sem interêsse, são duas séries da História de Alexandre, segundo quadros de Charles Le Brun, executados na segunda metade do século XVII para a Manufactura dos Gobellins. Os exemplares da grande manufactura francesa foram dos mais copiados em Aubusson e nas oficinas flamengas. Das duas séries do Museu, uma, constando dos panos *Batalha de Granico* (4,70 × 7,04), *Alexandre com a família de Dario* (4,74 × 6,00) e *Casamento de Alexandre com Roxane* (4,91 × 6,95), variante de um debuxo de Antoine Coypel, é de Aubusson, dos meados do século, a outra igualmente com três panos que representam *Alexandre acabando de domar Bucéfalus* (3,48 × 3,70), debuxo por identificar, *Batalha de Granico* (3,30 × 5,93) e *Alexandre com a família de Dario* (3,35 × 4,07), superior à primeira pela técnica e colorido, é provàvelmente um exemplar flamengo.

As oficinas nacionais encontram-se representadas por quatro panos. Um, his-

---

[1] Comunicação do Sr. Professor Wace, com quem estivemos em correspondência, devido às informações pedidas para o Museu das Janelas Verdes, àcêrca da série das *Funções Militares* aí existente. Graças às fotografias enviadas pelo Sr. Prof. Wace, foi possível reconstituir e identificar os assuntos destas tapeçarias que se encontram, excepto *La Marche*, cortadas em fragmentos. Sôbre esta série vidé: *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*. (I) Documentos, 1935, págs. VII-VIII; (II) Documentos, 1936, págs. VIII-XIX, doc. CXXXV.

[1] A *Cena Campestre* e os três sôbre-portas pertencem a uma série de que faz parte o pano *Cena à beira dum rio*, existente na colecção do Palácio Nacional da Ajuda. Na mesma colecção encontram-se dois panos da *História de Alexandre* que pertencem à série das três tapeçarias de Aubusson, do Museu das Janelas Verdes.

toriado, figura um passo da vida de José do Egipto: ***Jacob reconhece a túnica de José*** (3,62 × 4,49), marca de Tavira, fins do século XVIII. Dos restantes, com decoração geométrica estilizada, dois (1,72 × 2,78; 1,70 × 2,58), sem marcas, são dos fins da centúria, e o terceiro (3,65 × 3,64), assinado por P. Tavares, tem a data de 1816.

Finalmente, da segunda metade do século XIX, existe na colecção do Museu um pano da Manufactura dos Gobelins, *Naturesa morta* (1,02 × 1,36). Consultado por nós sôbre êste exemplar, o Sr. Guillaume Janneau, teve a amabilidade de nos comunicar que a época do fabrico não deve ser anterior a cêrca de 1860.

A terminar estas notas sôbre a colecção de tapeçarias do Museu das Janelas Verdes, apresentamos os nossos agradecimentos a Madame Marthe Crick-Kuntziger, Conservadora dos Museus Reais de Bruxelas, ao Sr. Guillaume Janneau, Administrador do Mobilier National e das Manufacturas Nacionais dos Gobelins e de Beauvais, e aos eruditos especialistas Srs. H. C. Marilier e Professor Wace pelas informações que tão amàvelmente nos deram e que de tão grande auxílio foram para êste trabalho.

MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

LABORATÓRIO PARA O EXAME DAS OBRAS DE ARTE

Algumas das instalações do novo Instituto Dr. José de Figueiredo destinam-se a laboratórios para o exame de obras de arte. Parece pois oportuno, agora que o edifício onde o futuro Instituto funcionará está quási concluído, apresentar o projecto das instalações que aí se pensa montar, oportuno sendo também mostrar o que desde há cinco anos se vem realizando sôbre êste assunto no Museu das Janelas Verdes. Assim se verá como ao longo dêste período se montaram alguns serviços e como êstes se vão integrar naturalmente no projecto geral. Possível seria até afirmar que a criação de novos laboratórios não é afinal senão a conseqüência do rendimento prestado por aquelas primeiras instalações. E dêste rendimento será o público o melhor juiz, juiz que não deverá esquecer, no entanto, que o trabalho realizado o foi sempre muito mais por devoção do que por obrigação.

No projecto geral o Laboratório deverá dispor de montagens que lhe permitam estudos nos seguintes capítulos:

Luz razante;
Macrofotografia e microfotografia;
Radiações infravermelha e ultravioleta;
Raios X;
Colorimetria;
Análise química dos materiais;
Estudos espectrográficos, refractométricos, higrométricos, etc.

Destas instalações, vamo-nos referir, neste artigo, àquelas que já estão em funcionamento.

A fotografia em luz razante necessita, além duma boa máquina fotográfica, dum intenso projector. Foi esta de todas as instalações a primeira a funcionar; montada pelo Dr. João Couto, com ela o actual Director do Museu já obteve por êsse processo algumas centenas de clichés.

A montagem de Raios X consta de: pequena comutatriz para transformar a corrente de 220 volts contínua, fornecida pela Companhia, em 150 volts alterna; transformador, com montagem em potenciómetro, permitindo ter no secundário tensões entre 10 e 80 kv; ampola para Raios X, sistema Coolidge; mesa de comando com os aparelhos, indicadores da voltagem, nos bornes da ampola, e intensidade da corrente electrónica. A mesa de comando encontra-se numa guarita, coberta de chumbo, dentro da qual se conserva o operador durante a pose radiográfica.

MUSEU DAS JANELAS VERDES
Laboratório de investigação científica — Lado da aparelhagem de Raios X.

A instalação permite trabalhar, como dissemos, a uma tensão desde 10 a 80

kv. Com efeito, a tensão empregada no exame radiográfico das pinturas, quer em madeira, quer em tela, tem variado sòmente entre 17 e 22 kv, não nos parecendo vantajoso sair dêstes valores; a montagem foi, porém, feita admitindo tensões mais elevadas com o fim de podermos efectuar o exame, por meio de Raios X, quer à pintura sôbre cobre, quer a louças, etc.

A montagem de raios X pode-se considerar, para o fim em vista, como completa visto que propositadamente — o que justificaremos noutro artigo — não se pretende que na instalação se faça radioscopia. Com esta instalação obtiveram-se já aproximadamente trezentas radiografias.

Para os ensaios com luz ultravioleta possui o laboratório uma lâmpada de mercúrio com filtro para luz de Wood. É uma pequena lâmpada que se presta muito bem para exames visuais sôbre superfícies reduzidas, mas que não é suficiente para a fotografia de quadros à luz de Wood.

Esperamos no novo Instituto mostrar um grupo de lâmpadas Philora para o fim de fotografar a fluorescência produzida nos quadros pelas radiações ultravioletas.

Para os ensaios de colorimetria adquiriu o Museu das Janelas Verdes um tintómetro sistema Lovibond perfeitamente idêntico ao que é empregado na National Gallery. Êste colorímetro serve para a maioria, senão para a totalidade, das observações a realizar; esperamos, em todo o caso, adquirir as peças necessárias para poder adaptar as medições ao sistema Lovibond-Schofield o que terá a vantagem de se poder exprimir os resultados obtidos na escala colorimétrica estabelecida pela Comissão Internacional de Iluminação (C. I. E.); assim se facilitará a comparação dos resultados alcançados com os de qualquer outro laboratório em que a mesma escala C. I. E. seja adoptada e independentemente do colorímetro empregado. Note-se que o emprêgo do sistema Lovibond-Schofield comporta dificuldades técnicas assaz elevadas.

Fica assim ràpidamente descrito o material existente e assim fica também indicado, por exclusão, que algumas das secções que deverão funcionar no futuro Instituto não possuem ainda o instrumental necessário.

Entre êste há algum de pouco custo, mas há também outro de elevado preço. A exposição dos primitivos portugueses que se vai realizar no próximo ano de 1940 vem criar a necessidade da sua aquisição aproveitando-se assim uma ocasião única para trabalhos laboratoriais. Haveria tôda a vantagem e conveniência em acompanhar e preceder de investigações científicas o restauro das pinturas que nela hão-de figurar. Tal trabalho sòmente se poderá efectuar eficazmente e na extensão que seria para desejar se se dispuzér de tôda a aparelhagem indicada e do pessoal técnico necessário para trabalhar com ela.

Em sucessivos artigos iremos apresentando ao leitor alguns dos trabalhos realizados neste Laboratório.

MANUEL VALADARES

CALCOGRAFIA

Acaba de ser criado nas dependências do Museu um pequeno gabinete de calcografia.

Para os leigos na matéria esta pequena notícia pouco interêsse encerra; no entanto, para os amadores da gravura e, sobretudo, para os que anceiam por ver alargar-se o âmbito das funções museográficas, o acontecimento reveste singular importância.

Não se compreendia que, tendo o Museu à sua guarda algumas chapas gravadas de artistas estrangeiros e portugueses, se não instalasse uma pequena oficina de estampagem onde se tratassem as chapas e se fizessem algumas reestampagens de carácter exclusivamente artístico e experimental, que outro não pode ter uma instituïção apenas iniciada, com a boa vontade de alguns.

Existem no fundo do Museu poucas chapas, mas destas, algumas de Vieira Lusitano, Bartolozzi, Santos, Silva, Monteiro Frois, Sousa, etc., que têm real mérito e são dignas de serem reestampadas, tanto mais que de algumas existem pouquíssimas provas. As reestampagens artísticas, além do valor cultural que possuem, podiam representar para o Estado, sob forma discreta e de bom gôsto, um processo de distribuir lembranças a entidades estrangeiras de categoria, que nos visitem.

Retrato de Vieira Lusitano, gravado por João José dos Santos. (Prova tirada na calcografia do Museu das Janelas Verdes).

Pena é que de momento se não possam aproveitar chapas do interêsse e valor da *Sopa de Arroios*, por exemplo, e que necessitam um tórculo de maiores dimensões para se poderem tirar provas.

Estamos certos, no entanto, que as entidades superiores não deixarão de dotar o gabinete com a máquina de tamanho suficiente que permita a utilização das chapas maiores, completando-se assim, a pouco e pouco, a aparelhagem duma instituïção que, a-pesar-de tudo, já está em pé.

Luiz de Ortigão Burnay

EXPOSIÇÕES

PARA cumprir o programa de expansão cultural do Museu das Janelas Verdes, a Direcção resolveu que se organizassem periòdicamente exposições temporárias de certas obras para as quais se averigue ser conveniente chamar a atenção dos estudiosos e do público.

Estas exposições podem reünir trabalhos do Museu de Lisboa, de outras instituïções ou dos particulares.

No ano de 1938 deu-se início a esta actividade do Museu, tendo a primeira exposição sido organizada com as obras oferecidas pelo Grupo dos Amigos do Museu. Inaugurou-se em 9 de Junho, tendo assistido Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional que, com a sua presença, quiz manifestar o reconhecimento do Estado pela obra benemerente do Grupo.

Da 2.ª Exposição Temporária, de «Mobiliário Indo-Português» (fig. 1), inaugurada em 19 de Julho, publicou-se um pequeno Guia. Não é necessário encarecer o valor dêste certame, dada a importância que as obras apresentadas têm na história do mobiliário português.

Fig. 1 — Aspecto da 2.ª Exposição Temporária. (Mobiliário Indo-Português) no Museu das Janelas Verdes.

Fig. 2 — Retábulo das «Dôres de Maria», de Quintino Metsys.

Museu das Janelas Verdes

Ainda no decorrer de 1938, em 3 de Dezembro, expuzeram-se, na sala 9, as pinturas do retábulo das «Dôres da Virgem» (fig. 2), pintado por Quintino Metsys para a Igreja da Madre de Deus. Esta exposição abriu com uma palestra do Dr. Reinaldo dos Santos, presidente da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação. A idéia de agrupar os quadros de tão importante retábulo resultou, como se refere em nota dêste Boletim, da compra em Londres de duas das pinturas que entravam na sua composição. Os amadores e estudiosos puderam assim examinar uma das mais notáveis obras do Mestre, e o País ainda teve a felicidade de reaver e juntar obras que durante muitos anos andaram perdidas e dispersas.

Fig. 3 — Aspecto da Exposição dos Barristas Portugueses no Museu das Janelas Verdes.

Por iniciativa da Academia das Belas Artes e com a colaboração do Museu das Janelas Verdes, inaugurou-se em 24 de Dezembro a exposição dos barristas portugueses dos séculos XVII e XVIII (fig. 3), Êste certame, para o qual o Museu cedeu não só a capela do Convento das Albertas, mas uma sala do novo edifício, e que reüniu um grande núcleo de presépios e esculturas pertencentes ao Estado e a particulares, foi acolhida

pelo público de Lisboa com especial interêsse. A Academia publicou um Guia da Exposição, cujo prefácio foi escrito por Matos Sequeira. Como se disse no Relatório da Direcção, Suas Excelências o Presidente da República e o Ministro da Educação Nacional, bem como Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, dignaram-se assistir ao acto inaugural.

DUAS PINTURAS DE QUINTINO METSYS ADQUIRIDAS PELO ESTADO

No mês de Julho do ano passado, por iniciativa do Presidente da 6.ª Secção da J. N. de E., Sr. Prof. Reinaldo dos Santos, foram adquiridas pelo Estado Português, com destino ao Museu das Janelas Verdes, duas pinturas atribuídas a Quintino Metsys [1], representando a *Apresentação no Templo* e a *Lamentação após o entêrro de Cristo*, que se encontravam à venda no antiquário londrino Lionel Harris (fig. 1 e 2).

Estas pinturas fizeram parte do primitivo retábulo das *Sete Dôres de Maria* da Igreja do Mosteiro da Madre de Deus, que é tradição ter sido oferecido pela Raínha D. Leonor, e são as que há anos, com uma terceira adquirida ao mesmo antiquário pelo Museu de Worcester (E. U. A.) e, portanto, perdida para nós, sairam para o estrangeiro. A sua compra, que em quaisquer outras circunstâncias seria de aplaudir, visto tratar-se de duas belas obras dum mestre dos mais considerados da escola de Antuérpia e que exerceu forte influência sôbre a nossa pintura, tem, por êsse motivo, um interêsse muito maior, pois representa a restituição de duas preciosidades ao património artístico da nação e a sua reintegração no conjunto a que pertenciam e do qual nunca deveriam ter sido desviadas.

Fig. 1 — Quintino Metsys
APRESENTAÇÃO NO TEMPLO
Museu das Janelas Verdes

[1] A identificação dos três quadros na posse de Harris como obra de Metsys foi feita pelo Sr. Max Friedländer (Quentin Massys — 1929). A sua ligação com os restantes existentes em Portugal e a consequente atribuïção dêstes ao mestre de Antuérpia deve-se ao Dr. José de Figueiredo que já em 1930 consignara a Metsys *O Menino entre os Doutores*.

O tema das *Sete Dôres de Maria* interpretava-se iconogràficamente por uma composição em cuja cena central se figurava a Virgem trespassada pela espada em alusão à profecia de Simeão por ocasião da apresentação de Jesus no templo (1), cena à volta da qual se dispunham por ordem cronológica os sete passos da vida e paixão de Cristo que a liturgia consagrou especialmente

Fig. 2 — Quintino Metsys
LAMENTAÇÃO APÓS O ENTÊRRO DE CRISTO
Museu das Janelas Verdes

sob aquele nome. Algumas vezes a Virgem aparece representada junto da cruz, com o corpo de seu Filho morto deitado sôbre o regaço e a espada a trespassar-lhe o peito e, neste caso, os episódios laterais são apenas seis, visto a figuração central alusiva à referida profecia representar ao mesmo tempo *Cristo descido da Cruz*.

(1) «E será esta uma espada que trespassará a tua mesma alma» S. Lucas, II, 35.

No retábulo da Madre de Deus, Metsys, que na *Virgem das Dôres* do Museu de Bruxelas seguiu a segunda destas duas modalidades iconográficas, preferiu a primeira e, como os painéis laterais são seis, é de presumir que tivesse havido um sétimo, representando aquela dôr, — isto é, *Cristo descido da Cruz*, — que se perderia e de cuja existência, aliás, não temos notícia alguma.

O desmembramento do retábulo data, segundo parece, do século XVIII e, desde que êste se deu, os painéis, dispersos por vários pontos da igreja e do mosteiro, teriam sido por mais de uma vez transferidos de lugar. O painel central, *Nossa Senhora das Dores* ou, como antigamente era conhecido, das *Angústias*, conservou-se no mosteiro até vir para o Museu em 1912; dos painéis laterais, dois, *O Calvário* e *Cristo a caminho do Calvário*, também recolhidos ao Museu em 1912, foram aplicados no arco da capela-mor, em lugar elevado, facto a que se deve talvez o terem escapado à sorte dos outros quatro, três dos quais sairam do mosteiro, passando, não se sabe por que título, ao oficial de engenharia José Maria Fidié que os cedeu a D. Fernando, a quem as freiras do mosteiro por sua vez venderam ou deram o quarto, *O Menino entre os Doutores*, isto cêrca de 1863.

Êste último quadro, que já em vida de D. Fernando parece ter pertencido a sua segunda mulher, a Condessa de Edla, pois que em seu nome figurou na Exposição de 1882, foi legado por esta senhora ao Museu das Janelas Verdes. Porém, os outros três, *Apre-*

sentação no Templo, *Lamentação após o entêrro de Cristo* (forma porque o autor representou a dôr sentida pela Virgem por ocasião do enterramento de Cristo) e *Fuga para o Egipto*, que por morte do marido lhe ficaram pertencendo, alienara-os à Condessa por volta de 1910, sendo em conseqüência desta venda que êles sairam de Portugal, onde os dois primeiros agora regressaram, graças ao apoio que a iniciativa da sua aquisição encontrou junto de Sua Excelência o Presidente do Conselho, Sr. Doutor Oliveira Salazar, que concedeu os meios necessários para que ela se pudesse converter numa realidade.

A. C. P.

CERÂMICA BRASONADA

O «Catálogo-Guia» do Museu das Janelas Verdes indica a páginas 35, sob os números 513 e 514, duas floreiras de porcelana da China (c.ª 1780) «com as armas do Patriarcado de Lisboa». Essas peças devem efectivamente ter pertencido ao Paço Patriarcal de S. Vicente, mas os donos delas foram os cónegos regrantes de Santo Agostinho, que em 1792 voltaram do Convento de Mafra para o Mosteiro de S. Vicente de Fora.

As armas que as floreiras ostentam não são do Patriarcado, mas sim as próprias do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora. Aparecem essas armas no ex-libris (carimbo) da Biblioteca do Mosteiro e em duas urnas de folha que pertenceram aos mesmos cónegos e que estes levaram para o Convento de Mafra em 1833. Tanto no ex-libris como nas urnas, a disposição heráldica difere da que se vê nas floreiras. Em vez dos dois escudos que estas apresentam, o ex-libris e as urnas têm, com maior rigor heráldico, um escudo sòmente, — partido: I, as armas do Reino; II, o navio com um corvo pousado no mastro, alusivo a S. Vicente.

C. da Silva Lopes

N O T A S

CONFERÊNCIAS, EXPOSIÇÕES E ARTIGOS NA IMPRENSA

Durante o ano transacto publicaram-se os seguintes estudos àcêrca de obras de arte pertencentes às colecções do Museu das Janelas Verdes ou de assuntos que se prendem com a vida e actividade dêste estabelecimento:

A data na legenda da custódia de Alcobaça, pelo Dr. João Couto. Comunicação feita à Academia Nacional de Belas Artes e publicada no n.º III do Boletim desta instituïção.

O pintor Francisco Henriques — Identificação da obra e esbôço crítico da sua personalidade artística. Comunicação feita à Academia Nacional de

Belas Artes e publicada no n.º IV do seu Boletim.

A «Salomé» de Lucas Cranach, o Velho, pelo Dr. João Couto e Dr. Manuel Valadares. Comunicação feita à Academia Nacional de Belas Artes e publicada no n.º IV do seu Boletim.

Instalação calcográfica junto do Museu das Janelas Verdes, por Luiz de Ortigão Burnay. Comunicação feita à Academia Nacional de Belas Artes e publicada no n.º IV do seu Boletim.

José de Figueiredo, pelo Dr. João Couto. Publicado no «Bulletin des Études Portugaises», fac. I.

Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português — Três peças que pertenceram ao Convento do Carmo da Vidigueira, pelo Dr. João Couto. Comunicação feita ao I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo.

Também na imprensa apareceram diversos artigos igualmente relativos a peças do Museu ou a assuntos que a êste dizem respeito. Destacaremos os seguintes:

Reconstituïção do antigo políptico da Paixão da igreja de Jesus de Setúbal, por Luiz Reis Santos («Diário de Notícias» de 25 de Maio).

O estudo científico das obras de arte feito num laboratório anexo ao Museu das Janelas Verdes («Diário de Lisboa» de 19 de Maio).

Voltaram para Portugal dois quadros de Metsys («Diário de Lisboa» de 17 de Junho).

Uma tábua quatrocentista («O Século» de 11 de Agosto).

Uma obra perdida de Metsys e um painel do Museu das Janelas Verdes, por Luiz Reis Santos («Diário de Notícias» de 18 de Agosto).

Contribuïções para o estudo do grande políptico de S. Vicente de Fora, por Luiz Reis Santos («Diário de Notícias» de 24 de Agosto e 4 de Setembro).

Tríptico no estilo dos «Maneiristas de Antuérpia» disperso nos Museus de Lisboa e Pôrto, por Luiz Reis Santos («Diário de Notícias» de 11 de Setembro).

Neuerwerbung Zweier Bilder von Quentin Massys («Pantheon», do mês de Novembro).

Um achado muito valioso para a história da cerâmica nacional, numa das dependências do Museu das Janelas Verdes («O Século» de 13 de Novembro).

A reconstituïção do retábulo das Angústias de Maria, de Quintino Metsys, por Fernando de Pamplona («Diário da Manhã» de 4 e 17 de Dezembro).

A apresentação ao público das duas pinturas de Metsys adquiridas em Londres foi inaugurada com uma palestra do Sr. Dr. Reinaldo dos Santos, em que êste crítico de arte fez a história do retábulo da igreja da Madre de Deus a que as referidas pinturas pertenceram, explicando como foi desmembrado e que destino tiveram os diferentes painéis que o constituiam, cinco dos quais se encontram hoje no Museu. Esta palestra, proferida na própria sala em que se expôs o retábulo, foi dedicada aos «Amigos do

Museu» que resolveram fazer a sua publicação.

MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

No dia 10 de Agosto do ano passado, o Sr. Ministro da Educação Nacional visitou o Museu das Janelas Verdes com o propósito especial de ver os dois quadros de Metsys e o «S. Pedro» da escola quatrocentista portuguesa recentemente adquiridos em Londres. O Sr. Dr. Carneiro Pacheco, que se fazia acompanhar pelo Sr. Dr. Pereira Dias, Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, foi recebido pelo Director do Museu, tendo assistido também à visita o Sr. Dr. Reinaldo dos Santos, Presidente da Academia Nacional de Belas Artes e o pessoal superior do Museu.

OBRAS DE AMPLIAÇÃO DO MUSEU

A conclusão do novo pavilhão do Museu das Janelas Verdes, construído segundo o plano dado pelo Dr. José de Figueiredo e o projecto do arquitecto Guilherme Rebelo de Andrade, foi solenizada pelos operários da obra com uma singela cerimónia que se efectuou a 24 de Dezembro do ano passado e que consistiu no lançamento do último balde de cimento em substituïção da tradicional colocação do «pau de fileira». Ao acto assistiram o Director do Museu, arquitectos Guilherme e Carlos Rebelo de Andrade, Tertuliano Marques e António Piloto, engenheiros Marquês de Abrantes, Carvalho da Silva e Ressano Garcia, conservador Cardoso Pinto, Elias Cohen e Filipe Rodrigues Vacas, construtores, àlém de todos os operários da obra.

«AMIGOS DO MUSEU»

No ano de 1938, o «Grupo dos Amigos do Museu» prosseguiu na tarefa que se impôs de dar colaboração moral e material ao Museu das Janelas Verdes, prestando-lhe, como nos anteriores, valiosos serviços. A sua actividade, durante o ano, incidiu principalmente sôbre as publicações.

Duas obras — o *Catálogo da Exposição Cultural de Sevilha de 1929* e a importante colectânea documental *Alonso Sanchez Coello — Ilustraciones a su biografia*, do investigador espanhol Sr. D. Francisco de San Román — cuja impressão ainda não se pudera completar — foram concluídas e dadas ao público. Igualmente se editou o discurso proferido pelo Presidente do Conselho-Director, Sr. Dr. Alfredo da Cunha, na sessão de homenagem à memória do Dr. José de Figueiredo, promovida pelo Grupo e pela Academia Nacional de Belas Artes e efectuada no Museu das Janelas Verdes na noite de 19 de Fevereiro.

A assembleia geral do Grupo reüniu-se duas vezes durante o ano, em 11 de Janeiro e 23 de Abril, tendo na primeira destas reüniões deliberado por unanimidade promover, àlém da sessão referida, outras homenagens à memória do seu fundador. Por propostas respectivamente dos Srs. Drs. Pedro Batalha Reis e Afonso Lopes Vieira, o Grupo resolveu

mandar cunhar uma medalha com a efígie do Dr. José de Figueiredo e mandar colocar uma lápide comemorativa no prédio do Campo dos Mártires da Pátria, onde por muitos anos viveu o falecido crítico de Arte e Director dos Museus Nacionais de Arte Antiga.

Esta última homenagem realisou-se a 17 de Dezembro, data do primeiro aniversário da morte do Dr. José de Figueiredo. À cerimonia, que se efectuou pelas três horas da tarde com grande simplicidade na entrada do prédio e sob a presidência do Sr. Dr. Alfredo da Cunha, concorreu, a-pesar-do péssimo tempo que fez nesse dia, numerosa assistência, entre a qual se viam os Srs. Dr. Pereira Dias, Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, representando o Sr. Ministro da Educação Nacional, Dr. Lopes Dias, pela Câmara Municipal de Lisboa, Dr. José Manuel da Costa, pela Junta Nacional de Educação, arquitecto Raúl Lino, pela Academia Nacional de Belas Aartes, Director e funcionários dos Museus Nacionais de Arte Antiga, directores dos museus da província, académicos, corpos gerentes e sócios dos «Amigos do Museu», etc. Após o descerramento da lápide, o Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que foi um dos mais íntimos amigos de José de Figueiredo, proferiu algumas palavras em que evocou a figura do extinto e salientou o significado da homenagem que à sua memória acabava de ser prestada.

ESTÁGIO DE CONSERVADORES DOS MUSEUS

Por terem prestado as provas finais do estágio foram nomeados conservadores-adjuntos os conservadores-tirocinantes, srs.:

Dr. Carlos Manuel da Silva Lopes (D. G. n.º 11 - 2.ª série, de 14 de Janeiro).

Dr. Manuel Carlos de Almeida Zagalo (D. G. n.º 52 - 2.ª série, de 5 de Março).

Augusto Cardoso Pinto (D. G. n.º 73 - 2.ª série, de Março).

Dr.ª D. Maria José de Mendonça (D. G. n.º 96 - 2.ª série, de 27 de Abril).

Ao estágio foi admitido, como conservador-tirocinante, o Sr. Dr. Manuel dos Santos Estevens (D. G. n.º 20 - 2.ª série, de 25 de Janeiro de 1938).

GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

SEDE: MUSEU DAS JANELAS VERDES

ESTATUTOS APROVADOS EM SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE 27 DE ABRIL DE 1912

CONSELHO DIRECTOR

Presidente	Dr. Alfredo da Cunha
Vice-Presidentes	Conde de Monte Real Dr. Luiz Xavier da Costa Dr. Ricardo Espírito Santo Silva Jorge Graça Salomão Seruya
Tesoureiro	Dr. José de Almeida Eusébio
1.º Secretário	José Lino
2.º Secretário	Augusto Cardoso Pinto
Vogais	Mrs. Mary Garland Jayne Dr. Augusto Mendes Leal Eng.º António Branco Cabral Dr. Carlos Larroudé Conde da Foz Henrique de Moser José Ferreira Tomé José Rodrigues Simões Eng.º Pedro Joyce Diniz Raúl Lino José Veloso Salgado Manuel Henriques de Carvalho

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	Henrique Monteiro de Mendonça
Vice-Presidentes	Dr. António da Costa Cabral Dr. Prof. Fernando Emídio da Silva
1.º Secretário	Conde de Santar
2.os Secretários	Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes Dr. António Rodrigues Cavalheiro

COTA ANUAL A PARTIR DE 10 ESCUDOS

PUBLICAÇÕES DOS MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

Catálogo-Guia do Museu das Janelas Verdes. . . . . . . Esc. 7$50

Algumas Obras de Arte do Museu das Janelas Verdes (com 120 estampas) . . . . » 10$00
Cartonado . . . » 25$00

Catálogo da Exposição de Arte Francesa
Vol. I (Ourivesaria) . . . . » 7$50
Vol. II (Pintura e Artes Decorativas). . . » 5$00

Catálogo da Exposição de Mobiliário Indo-Português. . . » 1$50

Itinerário Artístico de Lisboa (1 planta) . . . . » 10$00

FOTOGRAFIAS

Os Museus Nacionais de Arte Antiga fornecem fotografias das obras de arte expostas aos seguintes preços:

30 × 40	Esc.	30$00
24 × 30	»	17$50
18 × 24	»	12$50
13 × 18	»	7$50

As requisições de fotografias devem ser feitas em impressos que podem ser pedidos aos porteiros dos Museus.

Para a sua publicação é necessário, nos termos do regulamento, autorização especial da Direcção.

A entrega das provas far-se-á no praso duma semana.